



CERRADO



Goiânia, SEXTA-FEIRA, 25 de dezembro de 2015

- www.wildermorais.com.br
- facebook.com/wildermorais
- instagram.com/wildermorais
- twitter.com/wildermorais



DIVULGAÇÃO/PREFEITURA DE GOIÂNIA

Feliz Natal!



DIVULGAÇÃO/GOVERNO DE GOIÁS

Revista Bula.com

AS 20 MAIORES CANÇÕES DA HISTÓRIA DO BLUES



POR CARLOS WILLIAN LEITE

O crítico de música inglês, Nick Wall, compilou uma lista daqueles que seriam os maiores clássicos da história do blues tradicional. A lista, que está em ordem classificatória, cobre o período de 1912 a 1970.

O blues é forma musical caracterizada pela utilização de notas tocadas ou cantadas numa frequência baixa, com fins expressivos e estrutura repetiti-

va. Embora tenha sua origem na África, o blues se popularizou em algumas regiões do sul dos Estados Unidos como Alabama, Mississippi, Louisiana e Geórgia, nas primeiras décadas do século 20. Nos Estados Unidos sua origem é ligada à cultura afro-americana dos escravos das plantações de algodão que utilizavam o canto para embalar suas jornadas de trabalho. O conceito de blues,

porém, só se tornou conhecido após o término da Guerra Civil Americana quando sua essência passou a ser como um meio de descrever o estado de espírito da população negra.

O músico W. C. Handy é considerado o pai do blues, ou pelo menos seu aprimorador. Conta a lenda que ele teria ouvido o ritmo pela primeira vez em 1903, quando viajava clandestinamen-

te em um vagão de trem e observou um homem que tocava violão com um canivete.

No final dos anos 1930 surgiram as primeiras grandes bandas de blues. Em 1942 o estilo sofreu sua primeira grande revolução com o surgimento da guitarra elétrica do lendário T-Bone Walker. Com a explosão do blues em Chicago e o surgimento da eletricidade na músi-

ca, o blues atingiu um novo patamar, deixando de ser restrito a um pequeno grupo.

A lista traz lendas como Robert Johnson, Muddy Waters, John Lee Hooker, Bessie Smith, Elmore James, Bone Walker, Vera Hall e Mississippi John Hurt. A menção honrosa, ao final, ficou por conta da Revista Bula, não fazendo parte da lista de Nick Parede.

1. Hellhound On My Trail, Robert Johnson (1911-1938)
2. Mannish Boy, Muddy Waters (1913-1983)
3. How Many More Years, Howlin' Wolf (1910-1976)
4. Boogie Chillen, John Lee Hooker (1917-2001)
5. Gimme a Pigfoot, Bessie Smith (1894-1937)
6. Dust My Broom, Elmore James (1918-1963)
7. Where Did You Sleep Last Night?, Leadbelly (1888-1949)
8. Alabama Blues, JB Lenoir (1929-1967)

9. Crow Jane, Skip James (1902-1969)
10. Mean Old World, Bone Walker (1910-1975)
11. Got the Blues for Murder Only, Lonnie Johnson (1899-1970)
12. My Babe, Little Walter (1930-1968)
13. Trouble so Hard, Vera Hall (1902-1964)
14. Pearline, Son House (1902-1988)
15. Back Door Man, Willie Dixon (1915-1992)
16. Black Snake Moan, Blind Lemon Jefferson (1893-1929)

17. Slowly Walk Close To Me, Sonny Boy Williamson II (1908-1965)
18. Payday, Mississippi John Hurt (1892-1966)
19. Ball and Chain, Big Mama Thornton (1926-1984)
20. Canned Heat Blues, Tommy Johnson (1896-1956)

Menção Honrosa:
Memphis Blues, W. C. Handy (1873-1958)

O GÊNIO E O CRISTO

Fernando Pessoa e o nascimento de Jesus



POEMA DE NATAL

Natal... Na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
Estou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

CHOVE, É DIA DE NATAL

Chove. É dia de Natal.
Lá para o Norte é melhor:
Há a neve que faz mal,
E o frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente
Porque é dia de o ficar.
Chove no Natal presente.
Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse
O Natal da convenção,
Quando o corpo me arrefece
Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra
E o Natal a quem o fez,
Pois se escrevo ainda outra quadra
Fico gelado dos pés.

NATAL

O sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro de minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho.
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.



Palavra
CERTA



Palavras homônimas e parônimas

Há palavras que são idênticas na grafia e/ou no som, mas que têm significados diferentes. Neste caso, se dá o nome de **homônimas**. Existem outras que são bem parecidas na grafia, classificadas de **parônimas**. Enquanto aquelas são idênticas, estas são parecidas.

Exemplos de homônimos

Os homens **são** mais violentos no trânsito. (**verbo**)
Agora que tomou o remédio, o

menino está **são**. (**sadio**)

No Dia de **São** João a festa na cidade é boa. (**santo**)

Veja outras palavras homônimas

Acender - colocar fogo

Ascender - subir

Aço - metal

Asso - verbo assar conjugado

Censo - recenseamento

Senso - julgar

Cessão - ceder

Seção - divisão

Sessão - reunião

Coser - costurar

Cozer - cozinhar

Manga - fruta

Manga - parte da camisa

Sexta - dia da semana (sexta-feira)

Cesta - receptáculo

Sesta - descanso

Exemplos de parônimos

O patrão pediu ao peão para **arrear** o cavalo. (**pôr arreios**)

Muito peso no carro pode **arriar** o pneu. (**baixar, fazer pousar no chão...**)

O fez um **cumprimento** frio aos presentes. (**saudação**)

O **comprimento** da ponte atingiu 200 metros. (**extensão**)

Veja outras palavras parônimos

Descrição - falar sobre

Discriminar - inocentar

Emergir - mostra-se

Imergir - mergulhar

Apóstrofe - figura de linguagem

Apóstrofo - sinal gráfico

Aprender - instruir-se,

adquirir conhecimento

Aprender - assimilar

mentalmente, captar, compreender

Cavaleiro - aquele que sabe andar a cavalo

Cavalheiro - homem educado

Discriminar - inocentar

Discriminar - distinguir

Discente - que aprende

Docente - que ensina



CONTO DE NATAL

Padre Reginaldo Manzotti

Eu, menino, sentado na calçada, sob um sol escaldante, observava a movimentação das pessoas em volta, e tentava compreender o que estava acontecendo.

— Que é o natal? Perguntava-me em silêncio.

Eu, menino, ouvira falar que aquele era o dia em que Papai Noel, em seu trenó puxado por renas, cruzava os céus distribuindo brinquedos a todas as crianças.

E por que então, eu, que passo a madrugada ao relento nunca vi o trenó voador? Onde estão meus presentes? Perguntava-me.

E eu, menino, imaginava que o Natal não deveria ser isso. Talvez fosse um dia especial, em que as pessoas abraçassem seus familiares e fossem mais amigas umas das outras.

Ou talvez fosse o dia da fraternidade e do perdão.

Mas então porque eu, sentado no meio-fio, não recebo sequer um sorriso? Perguntava-me, com tristeza e por que a polícia trabalha no natal?

E eu, menino, entendia que não devia ser assim...

Imaginava que talvez o Natal fosse um dia mágico porque as pessoas enchem as igrejas em busca de Deus.

Mas porque, então, não saem de lá melhores do que entraram?

Debatia-me na ânsia de compreender essa ocasião diferente.

Via risos, mas eram gargalhadas que escondiam tanta tristeza e ódio, tanta amargura e sofrimento...

E eu, menino, mergulhado em tão profundas reflexões, vi aproximar-se um homem...

Era um belo homem...

Não era gordo nem magro, nem alto nem baixo, nem branco, nem preto, nem pardo, nem amarelo ou vermelho.

Era apenas um homem com olhos cor de ternura e um sorriso em forma

de carinho que, numa voz em tom de afago, saudou-me:

— Olá, menino!

— Oi!... respondi, meio tímido.

E, com grande admiração, vi-o acomodando-se a meu lado, na calçada, sob o sol escaldante.

Eu, menino, aceitei-o como amigo, num olhar. E atirei-lhe a pergunta que me inquietava e entristecia:

— Que é o Natal?

Ele, sorrindo ainda mais, respondeu-me, sereno:

— Meu aniversário.

Como assim? Perguntei, percebendo que ele estava sozinho.

Por que você não está em casa? Onde estão seus familiares?

E ele me disse: Esta é a minha família, apontando para aquelas pessoas que andavam apressadas. E eu menino, não compreendi.

Você também faz parte da minha família... Acrescentou, aumentando a confusão na minha cabeça de menino.

— Não conheço você! - eu disse.

É porque nunca lhe falei de mim. Mas eu o conheço. E o amo...

Tremi de emoção com aquelas palavras, na minha fragilidade de menino. Você deve estar triste, comentei. Porque está sozinho, justo no dia do próprio aniversário...

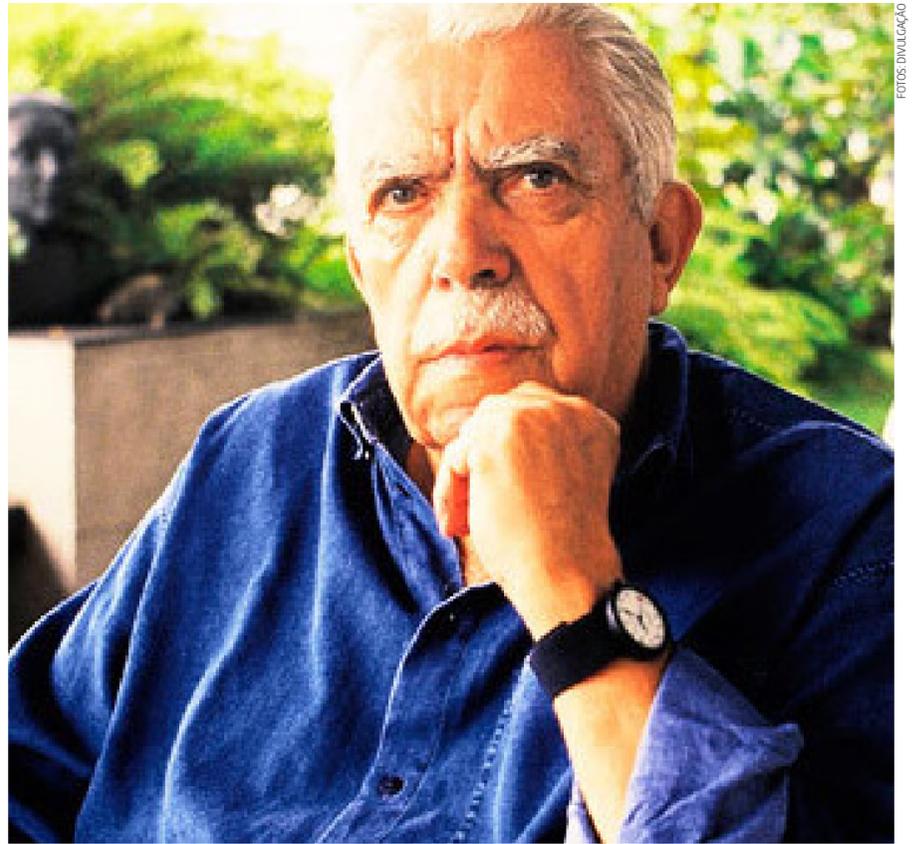
Neste momento estou com você - respondeu-me com um sorriso.

E porque eu não queria vê-lo ir-se embora, saí correndo em disparada pela rua. Abandonei-o, levando-o para sempre no mais íntimo do coração...

E saí em busca de braços que aceitassem os meus...

E eu, menino, nunca mais o vi. Mas fiquei com a certeza de que Ele sempre está comigo, e não apenas nas noites de Natal...

E eu, menino, sorri... pois agora eu sei que Ele é Jesus... E é por causa Dele que existe o Natal.



CONTO DE NATAL

Rubem Braga

Sem dizer uma palavra, o homem deixou a estrada andou alguns metros no pasto e se deteve um instante diante da cerca de arame farpado. A mulher seguiu-o sem compreender, puxando pela mão o menino de seis anos.

— Que é?

O homem apontou uma árvore do outro lado da cerca. Curvou-se, afastou dois fios de arame e passou. O menino preferiu passar deitado, mas uma ponta de arame o segurou pela camisa. O pai agachou-se zangado:

— Porcaria...

Tirou o espinho de arame da camisinha de algodão e o moleque escorregou para o outro lado. Agora era preciso passar a mulher. O homem olhou-a um momento do outro lado da cerca e procurou depois com os olhos um lugar em que houvesse um arame arrebitado ou dois fios mais afastados.

— Péra aí...

Andou para um lado e outro e afinal chamou a mulher. Ela foi devagar, o suor correndo pela cara mulata, os passos lerdos sob a enorme barriga de 8 ou 9 meses.

— Vamos ver aqui...

Com esforço ele afrouxou o arame do meio e puxou-o para cima.

Com o dedo grande do pé fez descer bastante o de baixo.

Ela curvou-se e fez um esforço para erguer a perna direita e passá-la para o outro lado da cerca. Mas caiu sentada num torrão de cupim!

— Mulher!

Passando os braços para o outro lado da cerca o homem ajudou-a a levantar-se. Depois passou a mão pela testa e pelo cabelo empapado de suor.

— Péra aí...

Arranjou afinal um lugar melhor, e a mulher passou de quatro, com dificuldade. Caminharam até a árvore, a única que havia no pasto, e sentaram-se no chão, à sombra, calados.

O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta. O calor abafava, e não havia nem um sopro de brisa para mexer uma folha.

De tardinha seguiram caminho, e ele calculou que deviam faltar umas duas léguas e meia para a fazenda da Boa Vista quando ela disse que não agüentava mais andar. E pensou em voltar até o sítio de «seu» Anacleto.

— Não...

Ficaram parados os três, sem saber o que fazer, quando começaram a cair uns

pingos grossos de chuva. O menino choramingava.

— Eh, mulher...

Ela não podia andar e passava a mão pela barriga enorme. Ouviram então o guincho de um carro de bois.

— Oh, graças a Deus...

Às 7 horas da noite, chegaram com os trapos encharcados de chuva a uma fazendinha. O temporal pegou-os na estrada e entre os trovões e relâmpagos a mulher dava gritos de dor.

— Vai ser hoje, Faustino, Deus me ajuda, vai ser hoje.

O carreiro morava numa casinha de sapé, do outro lado da várzea. A casa do fazendeiro estava fechada, pois o capitão tinha ido para a cidade há dois dias.

— Eu acho que o jeito...

O carreiro apontou a estrebaria. A pequena família se arranhou lá de qualquer jeito junto de uma vaca e um burro.

No dia seguinte de manhã o carreiro voltou. Disse que tinha ido pedir uma ajuda de noite na casa de «siá» Tomásia, mas «siá» Tomásia tinha ido à festa na Fazenda de Santo Antônio. E ele não tinha nem querosene para uma lamparina, mesmo se tivesse não sabia ajudar nada. Trazia quatro broas velhas e uma lata com café.

Faustino agradeceu a boa-vontade. O menino tinha nascido. O carreiro deu uma espiada, mas não se via nem a cara do bichinho que estava embrulhado nuns trapos sobre um monte de capim cortado, ao lado da mãe adormecida.

— Eu de lá ouvi os gritos. Ô Natal desgraçado!

— Natal?

Com a pergunta de Faustino a mulher acordou.

— Olhe, mulher, hoje é dia de Natal. Eu nem me lembrava...

Ela fez um sinal com a cabeça: sabia. Faustino de repente riu. Há muitos dias não ria, desde que tivera a questão com o Coronel Desidério que acabara mandando embora ele e mais dois colonos. Riu muito, mostrando os dentes pretos de fumo:

— Eh, mulher, então «vâmo» botar o nome de Jesus Cristo!

A mulher não achou graça. Fez uma careta e penosamente voltou a cabeça para um lado, cerrando os olhos. O menino de seis anos tentava comer a broa dura e estava mexendo no embrulho de trapos:

— Eh, pai, vem vê...

— Uai! Péra aí...

O menino Jesus Cristo estava morto.

O GRANDE EVENTO DE 2015, 2ª PARTE

Senador Wilder prestigiado por lideranças municipais e nacionais

